

Para uma Filosofia da Educação ***A Filosofia como Mediação nas*** ***Escolhas Éticas em Educação***

Cassiano Reimão

Universidade Nova de Lisboa e Universidade Lusíada (Lisboa)

Ao Senhor Professor João José Matos Boavida, ilustre pedagogo e universitário

“On ne possède que ce qu’on donne
ou ce à quoi l’on donne”.

MOUNIER, E., *Oeuvres*, I, 435.

Resumo

A situação do mundo em que, hoje, a escola e os sistemas educativos estão inseridos, convida-nos a um questionamento filosófico e ético radical; a reflexão filosófica exerce, aqui, uma missão decisiva de mediação, visível nas escolhas éticas a efectuar; à reflexão ética compete encorajar o respeito pela dignidade humana, pelas responsabilidades humanas e pelos direitos do homem, como elementos-chave em todo o projecto educativo.

Palavras-chave: Filosofia; Educação; Escola; Ética; Valor; Mediação; Intersubjectividade; Relação pedagógica; Dignidade humana.

Introdução

Educar consiste em oferecer e transmitir um modo de viver e de entender a vida, numa dimensão de liberdade; é um processo que pretende tornar possível, às pessoas, o desenvolvimento da sua capacidade para se interpretarem a si mesmas e ao mundo, criando e recriando, decidindo e escolhendo. Educar é acreditar na perfectibilidade dos homens, na sua capacidade para aprender e para se aculturar; é acreditar no desejo do saber que os impele; é acreditar que os homens podem ajudar-se mutuamente através do conhecimento; é um compromisso humano, o mais humano e o mais humanizado de todos. Esta humanização implica valores; são eles que determinam e orientam as finalidades da educação, enquanto projecto em superação.

A escola, melhor do que qualquer outra instituição social, ao criar as condições de uma tensão entre a teoria e a prática, entre a reflexão e a acção, permite a consolidação de uma conduta moral e a realização de uma humanização cada vez mais consequente. Daí resulta a importância de uma *escola democrática* onde predominará o contacto directo entre educadores e educandos e onde estes, visando as suas funções futuras, poderão fazer tentativas e auto-avaliações em ordem à construção de um autêntico humanismo.

A situação do mundo em que, hoje, a escola e os sistemas educativos estão inseridos, convida-nos a um questionamento filosófico e ético radical; a reflexão filosófica exerce, aqui, uma missão decisiva de mediação, visível nas escolhas éticas a efectuar; à reflexão ética compete encorajar o respeito pela dignidade humana, pelas responsabilidades humanas e pelos direitos do homem, como elementos-chave em todo o projecto educativo.

1. A ética no mundo contemporâneo

Apesar dos progressos técnicos e do desenvolvimento das sociedades, vivemos, actualmente, uma época perpassada pela incerteza e pela desilusão. Numa altura em que as palavras *tolerância*, *liberdade* e *solidariedade* são lugares comuns de esperança para o homem, nunca existiram tantos focos de tensão e de “desumanização” do próprio homem. As sociedades modernas, instituindo templos à satisfação imediata e efémera e ao consumismo fácil, escravizaram o homem, impedindo-o de se questionar e de questionar o sentido da sua existência, como problema fundamental, numa visível auto-demissão. A incerteza instalou-se e o homem deixou de pensar o seu futuro, como viagem marcada pela descontinuidade e pela complexidade.

Mas, porque a certeza desapareceu, torna-se urgente o retorno à reflexão, de modo a que cada homem encontre as suas próprias respostas para um percurso existencial autêntico, definindo a sua identidade e a sua autonomia solidária. Por isso, a época em que vivemos é também marcada pela redescoberta da ética em virtude de ela aparecer de novo como uma necessidade, como uma necessidade global, vivida individualmente, como uma dimensão indispensável do mundo contemporâneo, na medida em que se tornou evidente a mundialização da solidariedade e permanente uma resposta ao desafio relacional constitutivo de uma nova cultura, em que, apesar da globalização, o homem, sob o peso da incerteza, se sente cada vez mais isolado na sua individualidade. Ao perder o sentido da sua existência, o homem sentiu-se vítima das forças que ele próprio criou; perdeu o protagonismo da sua história e da história do mundo que habita. Nesta conjuntura, só um sistema coerente de valores

pode garantir uma correcta unidade e funcionalidade à vida social. A ética apresenta-se, então, como um regulador urgente da evolução do mundo e da percepção que os homens possuem da sua construção. É esta a situação em que nos encontramos nos diversos domínios da transformação por que passam as sociedades de hoje. Seria, assim, paradoxal que a *educação* ficasse fora deste debate, deste questionamento e desta preocupação. Ela é, como referem Bourdieu e Passeron, simultaneamente “autónoma” e “profundamente ligada às mutações sociais”. No sentido estrito do termo, trata-se de uma instituição, isto é, de uma organização delegada pela sociedade global para assumir os papéis e as responsabilidades de orientação das gerações mais jovens em ordem à obtenção de uma preparação que lhes permita enfrentar a vida adulta, na sequência de uma tradição (isto é, mantendo o passado), mas em ordem a dominarem um tempo (projectado no futuro), por definição desconhecido.

2. A ética e a emergência dos valores

A intersubjectividade é a base da eticidade dos seres humanos, pois a ética tem como lugar próprio a relação e, mais exactamente, a interacção, na medida em que o reconhecimento de outrem supõe o reconhecimento da sua indefectível liberdade e incondicional dignidade; porque o homem está destinado à relação, uma acção só é ética na medida em que implicar *uma relação ao outro*, na medida em que implicar o reconhecimento recíproco de pessoas, como refere P. Ricoeur, para quem os valores “só podem ser apreendidos nas atitudes dos homens sobre os homens”. Também Lévinas faz repousar a ética na experiência de outrem; o outro não pode ser pensado segundo a lógica do mesmo, uma vez que a generosidade só pode ser construída a partir da centração na alteridade. E o retorno ao outro conduz directamente à questão do sentido. Tendo por fim fixar princípios, a ética enquadra as condições em que um conhecimento pode legitimamente ser utilizado; propõe a manutenção de uma relação aos valores que transcende as realizações concretas e funda um juízo nos comportamentos a realizar. Propõe, portanto, uma reflexão sobre o bem e sobre o mal a efectuar por uma sociedade e por aqueles que a integram, tendencialmente orientados para a construção de uma *vida melhor*.

Os debates éticos tocam os principais domínios da existência humana; proteger a humanidade no homem e a presença igual desta em qualquer dos homens, é o seu fim. A questão da ética coloca-se em função das acções a conduzir e das decisões a tomar, na convergência da universalidade dos valores com a experiência vivida da acção. A ética articula o universal com o singular, constituindo uma dimensão da *pessoa*, irredutível a qualquer outra; determina-se, com efeito, a partir de valores

universais que, em princípio, se aplicam a todos, sociedades e indivíduos. Estes valores são, de certo modo, superiores aos homens e considerados como regras definidoras das suas condutas, em relação às quais devem situar-se; enquanto universais, são concepções do desejável que influenciam o comportamento selectivo dos indivíduos em situação; são aquilo que faz com que uma coisa seja digna de ser apreendida, desejada e procurada; orientam a vida e marcam a personalidade, favorecendo a plena realização do *homem* como *pessoa*.

Os valores encontram-se no centro da existência e da actividade humana, na medida em que estas adquirem sentido e significado através deles; só os valores dão sentido à vida do homem, no seu fundamento e no seu processo; são características da acção humana, enquanto esta pressupõe determinadas escolhas no conjunto dos dilemas que marcam a vida do homem; são paradigmas mentais que, convertidos em critérios de juízo, configuram a expressão do bem. Apesar de ser o homem quem constitui o valor, esta dimensão subjectiva não elimina a dimensão da objectividade; os valores não são “coisas”, embora se identifiquem ontologicamente com elas; não há valores sem um “em si”, mas também não os haveria sem a “valoração” que radica na “tendência/preferência” do sujeito.

O fundamento último da dimensão ética da acção humana repousa na ideia, crucial, de que o universal está presente em cada pessoa particular, na medida em que esta releva a pertença à Humanidade, igual, portanto, em dignidade a todas as outras pessoas.

Há referências estabelecidas por um sistema de valores que transcendem a situação “hic et nunc” dos indivíduos ou das sociedades determinadas. Os direitos do homem, fixados oficialmente, são definidos como pertença de todos, comprometem a responsabilidade de todos, concedem a todos o mesmo preço ético, em termos de direitos e de deveres, de obrigações e de liberdades. O seu estatuto é, por natureza, intocável e é a partir deles que se criam, em cada uma das sociedades, as instituições oficiais encarregadas de os fazer respeitar.

Isto não significa, todavia, que este apelo aos valores se mantenha imutável no decurso da História. O centro axiológico radica na *pessoa* como ser capaz de descobrir o valor nas coisas e de desvelar o seu poder transformador. A pessoa humana não pode ser considerada como algo de estático, enquanto depositária de valores que valem à margem da sua actividade real, mas também não deve ser considerada como um simples reflexo das relações sociais; está inserida numa natureza, mas transcende-a; tem em si o compromisso de transformação do mundo e da sociedade, que parte de uma tomada de consciência perante esse mesmo mundo e perante as suas próprias potencialidades de transformação. Neste sentido, a pessoa opera um verdadeiro exercício de liberdade de escolha, de adesão e de ruptura; na verdade,

toda a valoração supõe uma escolha, com as consequentes preferências e rejeições. A justiça, que traduz a universalidade dos valores, por um lado, enquanto é ela própria um valor, e, por outro lado, enquanto dispositivo social do seu próprio respeito, conhece, a este título, evoluções históricas.

A ética constitui princípios de acção, preceitos segundo os quais se definem o bem e o mal, aquilo que é preciso respeitar e aquilo que é de rejeitar no plano da acção. Caracterizam aquilo a que Kant chamou a *razão prática*, isto é, a razão a partir da qual eu tenho, como ser, simultaneamente particular e universal, de decidir o modo como conduzir a minha própria vida em relação àquilo que a ultrapassa e que define a condição humana.

Não existe determinação científica, isto é, demonstrável, destes princípios que comandam a acção. Estão circunscritos em termos de adesão, simultaneamente racional e vivida, a um conjunto de regras superiores que podem descrever-se, mas cuja existência escapa à racionalidade científica. Não é a razão científica e técnica que funciona neste domínio, mas a razão prática que trabalha segundo a denominação kantiana, particularmente poderosa, de imperativo categórico, indiscutível, que se impõe.

3. Ética e acção educativa

Se educar, para além de tudo, consiste em oferecer e transmitir um modo de viver e de entender a vida, a escola deve ser uma comunidade em que se vivem os valores que são transmitidos como formas de viver e de entender a vida às gerações mais novas; educar é acreditar que existem coisas (símbolos, técnicas, factos, memórias e valores) que podem ser conhecidas e que merecem sê-lo; mas educar é um acto de coragem que, segundo Kant, está reservado aos seres humanos, pois a educabilidade é, indubitavelmente, uma dimensão que caracteriza o homem e implica valores; mas todo o acto de valoração traz consigo um processo de hierarquização e de organização holística das diversas categorias de valores; esta estruturação valoral define a imagem distintiva da personalidade individual; os próprios estádios do processo valorativo correspondem aos aspectos psicológicos da formação da personalidade. É neste sentido que D'Hainaut refere que os valores estão na origem das políticas e das práticas educativas; são eles que determinam e orientam as finalidades da educação. Na verdade, a educação exige uma viagem com o outro, em direcção à alteridade. Os valores obrigam a configurar a educação como um permanente projecto em superação. As instituições educativas (que não são meras instituições de instrução) exercem oficialmente uma função de iniciação aos valores que partilham, cada

uma à sua maneira, com as famílias e com as demais comunidades de pensamento em que se inserem. Nesta perspectiva, as prestações que devem oferecer aos seus utilizadores ultrapassam o fim puramente instrumental (distribuição de conhecimentos) ao qual houve a tendência de reduzi-las no decurso do último meio século. Situada no movimento do mundo, a escola encontra-se, doravante, directamente confrontada com preocupações éticas que atravessam as sociedades e os indivíduos. Tornou-se-lhe impossível contorná-las sem renunciar a uma dimensão essencial da sua missão de formação dos espíritos; por isso, a problemática maior da escola não se situa, actualmente, na esfera do funcional, mas sim na esfera da ordem ética.

A sensibilização para o bem e para o mal, a tomada de consciência de uma certa universalidade dos valores, a iniciação à pertença de cada um à Humanidade na sua totalidade, são algumas das dimensões éticas perante as quais a instituição educativa deve assumir frontalmente uma parte de responsabilidade.

O papel das diversas disciplinas curriculares, enquanto tomadas de posição interculturais, inclui, naturalmente, o tratamento de questões que ultrapassam os respectivos programas. Estes aspectos são primordiais. E é legítimo afirmar que a extrema diversidade das populações escolares, característica da escola contemporânea, torna ainda mais urgente e mais difícil o exercício desta responsabilidade, sendo claro para todos, doravante, que uma “cultura ética” faz parte das competências que pertencem às instituições educativas.

Compete, na verdade, à escola de hoje colocar em evidência a permanência das preocupações éticas. É uma situação resultante da marcha do mundo, que nos obriga, simultaneamente, a conservar referências (construindo uma tradição) e, quando necessário, a modificá-las, rasgando o progresso. A uniformidade e a uniformização são contrárias à dinâmica do ensino e da educação; um e outra exigem a prática de uma rectificação permanente.

A autonomia do aluno e a sua construção desenvolvem o horizonte ético de todo o ensino e é isso que deve guiar o docente nas suas diversas intervenções, uma vez que educar *na liberdade* e *para a liberdade* é a tarefa decisiva de uma educação integral e personalizada, uma vez que a liberdade é um dado fundamental da existência humana, que não pode remeter-se a nenhum outro (porque é livre, o homem é responsável pela clarificação das suas crenças fundamentais e pela análise e organização das premissas das suas práticas em todos os níveis do agir).

As instituições educativas são, em cada um dos países, a garantia de uma coesão social que hoje se torna tanto mais essencial quanto é necessário construí-la a partir de uma diversidade cada vez maior. Têm, portanto, necessidade de eixos mais amplos em torno dos quais possam situar as suas contribuições e fixar os seus princípios.

Alimentam-se, desde então, em fontes simultaneamente clássicas e incarnadas na época contemporânea. A orientação para a alteridade, em tal contexto, constitui uma prioridade, bem simbolizada no desenvolvimento de opções pedagógicas interculturais que, quer se queira, quer não, se impõem cada vez mais tanto aos especialistas, como no terreno concreto da própria escola. É, por consequência, no interior desta complexidade que as interrogações éticas têm hoje lugar; e este espaço torna-se decisivo na medida em que constitui uma oportunidade quase única que permite construir uma autêntica autonomia do aluno, isto é, uma abertura e um acolhimento ao outro enquanto outro, simultaneamente diferente de si e semelhante a si.

Conclusão

A ética apresenta-se, hoje, com um carácter simultaneamente local e planetário, o que torna a sua universalidade complexa: sem renunciar a si mesma, aspira, ao mesmo tempo, a uma definição concreta e situada. A singularidade ética é um poder de criação ligado a uma tradição (a uma memória) e a um enraizamento social. A amplitude dos problemas éticos que hoje preocupam o mundo atinge a existência diária das pessoas singulares, quer como cidadãos, quer na sua própria individualidade. A complexidade crescente das questões que rodeiam o homem contemporâneo, tornam-no cada vez mais vulnerável ao imprevisto da evolução. A internacionalização e a mundialização trouxeram às instituições educativas realidades novas que devem ser examinadas com seriedade; embora não haja, hoje, valores novos, deparamos com valores vividos num contexto novo. A função educativa da escola dirige-se à formação de adultos esclarecidos, capazes de assumir a sua autonomia social e de, portanto, exercerem os seus direitos e os seus deveres na realidade cultural em que estão inseridos.

A sensibilização para a dialéctica do universal e do singular releva da acção de cada docente a quem compete despertar os alunos para a dimensão ética da maior parte das suas acções. Conhecer os próprios direitos e os próprios deveres é essencial no seio da comunidade educativa. A ideia fundamental que a educação transmite a cada ser a formar é que ele é *único* e que a sua condição implica uma troca significativa com o meio.

A relação pedagógica é um acto ontológico de descentração, mas que se constitui através da centração no *homem* como *pessoa*. A acção educativa, como processo intersubjectivo e como acção comunicativa, é das acções humanas mais difíceis, uma vez que não deriva da demonstração, mas sobretudo de um despertar e de uma sensibilização. Os docentes têm o dever de mostrar (não de demonstrar) que toda a acção, individual ou colectiva, supõe compromissos éticos, mesmo quando não

se tem consciência disso. A ética e os valores vivem-se na relação com os outros e, através desta, na relação consigo mesmo como ser, não redutível a competências instrumentais, partilhando, a título igual, o universal com todas as outras pessoas. Contudo, a contribuição para a autonomia dos alunos passa pela autonomia dos docentes e esta impõe que se distinga (e se manifeste a distinção) entre aquilo que se sabe e os valores em que se acredita. Mas uma educação ética, uma educação centrada nos valores da *pessoa*, no seio dos sistemas escolares, tem de se articular inevitavelmente com os termos da dialéctica universal/singular que define a própria ética enquanto estabelecimento da linha/fronteira entre o bem e o mal no que respeita à humanidade como traço característico do bem em geral e de cada homem em particular.

Em suma, as instituições educativas devem assumir a formação ética dos alunos, na medida em que a escola tem a responsabilidade de construir a autonomia do sujeito. A educação para a ética, em paralelo com a educação para os *media*, impõe-se, hoje, como um dos deveres maiores da escola. Trata-se de um empreendimento que cada docente deve perseguir no seu sector particular (todas as disciplinas escolares são solicitadas e desafiadas pela ética). A instituição educativa faltaria à sua vocação se guardasse silêncio neste domínio. Na verdade, a educação não pode reduzir-se à mera transmissão de saberes; deve também assumir-se como processo da construção cooperativa do homem, construindo *saberes sábios* e *úteis* e não apenas *saberes úteis*. A sabedoria, através da renovação da ética, entrará nas portas da escola; embora sendo portadora de esperanças ou de desilusões, a escola continua dependente das construções sócio-políticas e das representações sociais; com efeito, toda a acção educativa implica uma concepção da sociedade e toda a concepção da sociedade implica uma tomada de posição em relação à ética.

A educação é um processo central na sociedade e no caminho do futuro, procurando o desenvolvimento da pessoa no compromisso social, enquanto instrumento que conduz à razão aquele que opta pela razão, como refere Eric Weil. O ensino das diversas disciplinas, para além da transmissão de ideias, de visões do mundo e de modelos, de estratégias de conhecimento e de acção, deverá inculcar valores a reconhecer e a procurar, bem como verdades a descobrir e a apreciar. A ausência de perspectivas axiológicas, isto é, de valores éticos, hipertrofia as competências técnicas e o profissionalismo em detrimento da reflexão e da interrogação ética, subordinando o *saber* ao *sucesso efémero*.

Uma sociedade e uma instituição não existem senão enquanto os indivíduos que as integram assumem uma parte activa na construção do sentido ético que as rege. As dificuldades da relação educativa situam-se sobretudo a este nível; a sua superação

implica uma permanente reconstrução deste sentido renovado na escola e no seu projecto. Numa relação pedagógica autêntica, o *cuidado* estará antes da *eficiência*, a *pessoa* antes dos *recursos* e o *outro* antes do *eu*. Só assim, na encruzilhada nova da História em que nos encontramos, em que é urgente a realização de um novo humanismo, a escola de hoje se assumirá como uma “escola de responsabilidade”. Há que fortalecer o sonho da escola. A era das certezas foi ultrapassada e a resolução dos problemas não passa certamente pela reafirmação de dogmatismos, de simplismos e de reducionismos; situada na linha de uma ética da convicção e da responsabilidade, superadora da racionalidade meramente instrumental e normativa, a escola exercerá as suas funções de transmissão de valores, enquanto lugar de aprendizagem de resistência a todas as formas de pressão dirigidas à instalação dos desequilíbrios e à anulação da coerência entre o pensar, o sentir e o agir dos indivíduos que a integram. Uma educação orientada pela ética, tendo como base a *pessoa*, fundar-se-á em *relações*, orientar-se-á pelo futuro da *esperança*, e será alicerçada no sentido do *serviço aos outros* e nos princípios de uma sólida *cooperação*. A questão (que se tornou fulcral na cultura europeia), colocada por Nietzsche na categoria da *vontade do poder*, está, presentemente, centrada na questão do *homem* que somos obrigados a formar. Numa época em que, na sequência do “desencantamento” da sociedade, os Estados vêm assumindo o monopólio da definição absolutizante da formação dos cidadãos, anulando o real “espaço público”, qualquer projecto educativo só terá sentido no total respeito da *pessoa* e da sua *liberdade* e *independência*; é por isso que a interpelação filosófica perante a problemática dos valores e a reflexão ética em torno da educação são, hoje, urgentes e necessariamente fundamentais.

A filosofia, através da sua função crítica, da sua proposta de uma reflexão ética e do seu objectivo de compreender o mundo, fornecendo utensílios para o transformar, constitui, assim, a espinha dorsal de qualquer projecto educativo. Lê-se, em documento da UNESCO (Junho de 2004) que “a filosofia foi sempre o fundamento das culturas e das sociedades, suscitando a crítica, a visão, o rigor e os novos desafios”; a reflexão filosófica desempenha, por isso, um papel mediador fundamental e insubstituível nas escolhas dos valores e, sobretudo, nas escolhas dos valores éticos, em educação.

Bibliografia

- Bourdieu, P. e Passeron, J.-Cl. (1970). *La reproduction*. Paris: Minuit.
Castoriades, C., (1996). *La montée des insignifiances*. Paris: Éd. du Seuil.
D’Hainaut, L. (1980). *Educação - dos fins aos objectivos*. Coimbra: Liv. Almedina.
Escámez, J. e Ortega Ruiz, P. (1986). *La enseñanza de actitudes y valores*. Valência: Nau Llibres.

- Ferry, L. (1996). *L'Homme-Dieu ou le sens de la vie*. Paris: Grasset.
- Girard, R. (1982). *El misterio de nuestro mundo*. Salamanca: Sígueme.
- Graves, C. W. (1980). *Values for teaching*. Texas: Denton.
- Habermas, J. (1986). *De l'éthique de la discussion*. Paris: Cerf.
- Hare, R. M. (1975). *El lenguaje de la moral*. México.
- Houssaye, J. (1992). *Les valeurs à l'école*. Paris: P.U.F.
- Houssaye, J. (Dir.) (1999). *Éducation et philosophie*. Paris: ESF éditeur.
- Howe, L. e Howe, M. (1977). *Cómo personalizar la educación: Perspectivas de la clarificación de valores*. Madrid: Santillana.
- Jonas, H. (1990). *Le principe de responsabilité*. Paris: Cerf.
- Lalonguière, E. (1983). *Educar en los valores para el año 2000*. Bruxelas: OIEC.
- Landsheere, V. (1994). *Educação e Formação*. Porto: Ed. ASA.
- Legrand, L. (1991). *Enseigner la morale aujourd'hui*. Paris: P.U.F.
- Levinas, E. (1982). *Étique et infini*. Paris: Fayard.
- Lucini, F. (1992). *Educación en valores e diseño curricular*. Madrid: A. Longman.
- Marín García, M. (1987). *Crecimiento personal y desarrollo de valores: un nuevo enfoque educativo*. Valência: Promolibro.
- Marques, R. (1998). *Educar para valores*. Porto: Porto Editora.
- Metlalf, L. E. (1971). *Values education: rational strategies and procedures*. Washington: National Council for the Social Studies.
- Navarro Abarzúa, I. (1985). *Los valores en educación*. Madrid: Cuadernos CIPE, nº 13, Fundación CIPE.
- Patrício, M. (1993). *Lições de axiologia educacional*. Lisboa: Univ. Aberta.
- Paturet, J.-B. (1995). *De la responsabilité en éducation*. Toulouse: Privat.
- Porcher, L. e ABDALLAH-PRETCEILLE, M. (1998). *Éthique de la diversité et éducation*, Paris: PUF.
- Raths, L., HARMIN, M. & SIMON, S. B., (1996). *Values and teaching: Working with values in the classroom*. Columbus; OH: Charles E. Merrill.
- Renaud, M., (1994). "Os valores num mundo em mutação", in *Brotéria*, vol. 139, pp. 299-322.
- Renaud, M. e Renaud, I., (1996). "Ética e Moral", in ARCHER, L., BISCAIA, J. e OSSWALD, W., *Bioética*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Ricoeur, P. (1982). *Finitud y culpabilidad*. Barcelona: Taurus.
- (1991). *Autour du Politique*. Paris: Éd. du Seuil.
- Rocha, F., (1996). *Educar em valores*. Aveiro: Estante Editora.
- Silver, M. (1982). *Values education*. Washington: National Education Association.
- Valente, O. (1992). *A escola e a educação para os valores*. Lisboa: Fac. de Ciências.
- Valente, M. O., (1995). "A educação, os valores e a formação dos professores", in *Revista de Educação*, 1, pp. 21-26.
- Wilson J. (1990). *A New Introduction to Moral Education*. England: Cassell.

Résumé

La situation du monde où, aujourd'hui, l'école et les systèmes éducatifs sont insérés, nous invite à un questionnement philosophique et éthique radical; la réflexion philosophique exerce, ici, une mission décisive de médiation, visible dans les choix éthiques à réaliser; il appartient à la réflexion éthique d'encourager le respect de la dignité humaine, des responsabilités humaines et des droits de l'homme, comme éléments-clé dans tout le projet éducatif.

Mots-clé: Philosophie; Éducation; École; Éthique; Valeur; Médiation; Intersubjectivité; Relation pédagogique; Dignité humaine.

Abstract

Nowadays, the world framework of the school and the educational systems leads us to take a philosophical and radical ethical stand. The philosophical discussion plays a decisive role of mediation, shown in ethical decisions; it is up to the ethical thought to encourage the respect for human dignity, for human responsibilities and for human rights, pinpointing key elements throughout the educational project.

Key-words: Philosophy; Education; School; Ethics; Value; Mediation; Intersubjectivity; Pedagogical relationship; Human dignity.